



QUE É REFORMA PROTESTANTE

1

1Pedro 2.1-10

LEITURA DIÁRIA

- D** Sl 46 – Nosso refúgio e fortaleza
- S** Ne 2.11-20 – Preparação da Reforma
- T** Ne 13 – Reforma na prática
- Q** 2Rs 23 – Reforma de Josias
- Q** Ef 5.17-6.9 – Comportamento e relacionamentos
- S** 1Ts 1.2-10 – Evidências da eleição
- S** Tt 2.1-3.3 – Sal e luz na sociedade

INTRODUÇÃO

“Durante a passagem do mundo medieval para a Idade Moderna, o conjunto de transformações nas relações de poder é de importante destaque para a compreensão das chamadas Reformas Protestantes. Ou seja, *as Reformas Protestantes podem ser interpretadas como uma expressão das contradições da passagem do feudalismo para o capitalismo.*”

Essa definição foi extraída de um dos primeiros sites listados pelo Google em resposta à consulta “Reforma Protestante”.¹

Ela descreve a Reforma pelo viés econômico-social: uma expressão das contradições da passagem do sistema feudal (agrícola e servil) para o capitalismo (comercial e assalariado). Infelizmente, definições como essa são comuns e oferecem uma visão deturpada das coisas.

O estudo que abre esta revista tem por objetivo apresentar a verdadeira causa da Reforma Protestante, bem como destacar o desafio de ser igreja reformada em nossa

época, de tal modo que a Reforma não signifique apenas a celebração do passado, mas, principalmente, uma inspiração para o tempo presente.

I. A ROCHA DE LUTERO E DA REFORMA

O problema de conceituar a Reforma como vemos acima é que não se leva em conta a experiência religiosa que fez com que Lutero, Zwinglio, Calvino e outros rompessem com o Catolicismo e dessem início ao movimento que ficaria conhecido como Protestantismo. Ao ler Romanos 1.17, Lutero encontrou a paz que tanto buscava. Essa passagem lhe mostrou a obra de Cristo como suficiente para justificá-lo diante de Deus. Ele entendeu que a salvação é pela graça, mediante a fé.

1Pedro 2.1-10 mostra o que se passou com Lutero e nos ensina acerca do desenvolvimento da vida cristã. O “portanto” (v. 1) mostra que essa seção da carta está ligada àquilo que vem antes (1.22-25), quando Pedro fala da regeneração pela semente incorruptível, “mediante a palavra de Deus” (v. 23), que “é a palavra que vos foi evangelizada” (v. 25). Na sequência, lemos sobre (i) o despojar-se da velha natureza (cf. 2.1) e (ii) o desejo pela palavra, “genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação” (v. 3). Observemos que as duas coisas (o despojar-se e o crescimento) pressupõem a experiência da

¹ <http://www.brasilescola.com/historiag/reforma-protestante.htm>. Acesso em 17.02.15. A parte em itálico é um destaque nosso.

salvação em Cristo (v. 3). Cristo é a pedra que vive, a “pedra angular, eleita e preciosa” (v. 4,6), e os cristãos são pedras vivas (v. 5). Tudo isso deve resultar em (iii) “sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (v. 5), “a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (v. 9).

Os reformadores passaram por essa experiência, que é eminentemente espiritual, assim como acontece com todos os que nascem de novo. Isso é facilmente exemplificado na história do monge alemão Martinho Lutero (1483-1546). Enquanto esteve no monastério, ele enfrentou lutas terríveis para se livrar da culpa decorrente de seus pecados. Foi quando, entre 1512 e 1513, lendo Romanos 1.17, ele foi liberto da angústia que o aprisionava, desistindo de conseguir justificação por seu esforço. “Lutero, como cristão, havia encontrado sua salvação; como professor, sua doutrina”.² Fundamentado na pedra angular, Cristo, ele passou a ser uma pedra viva, proclamando as virtudes do seu Salvador.

II. A REFORMA PROTESTANTE

Reforma Luterana. São famosas as *Noventa e Cinco Teses*, cujo aparecimento é considerado o marco inicial da Reforma. Na tese 62, ele reconhecia que “o verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus”. Em 1520, três importantes obras foram publicadas (*A nobreza cristã da nação alemã*, *O cativoiro babilônico da igreja* e *A liberdade do cristão*). No ano seguinte, na Dieta de Worms, ele manteve sua posição. Perguntado se voltaria atrás e negaria o *erro* contido nos seus livros, respondeu:

“A menos que eu possa ser refutado e convencido pelo testemunho da Escritura e por claros argumentos... estou convencido pela Santa Escritura citada por mim, minha consciência está cativa à palavra de Deus: não posso e não me retratarei, pois é inseguro e perigoso fazer algo contra a consciência. Essa é a minha posição. Não posso agir de outra maneira. Que Deus me ajude. Amém!”

Ao longo dos anos, o Luteranismo foi se difundindo por outros lugares. Fora da Alemanha, igrejas nacionais foram organizadas na Suécia (1527), Dinamarca (1537), Noruega (1539) e Islândia (1554). O termo *protestantes* surgiu na Dieta de Spira (1529).

Movimento Reformado. O movimento reformado tem suas origens ligadas ao ministério de Ulrico Zuínglio (1484-1531), em Zurique. Em contato com o Novo Testamento publicado por Erasmo de Roterdã, começou a colocar em prática a partir de 1519 um programa de reformas na igreja local. Em poucos anos, os princípios protestantes estavam sedimentados. No entanto, Zuínglio morreu precocemente. O líder que consolidaria e ampliaria o movimento reformado na Suíça (e muito além dela) seria o francês João Calvino (1509-1564). Se Lutero se tornou o mais conhecido dos reformadores, Calvino acabou se tornando o mais influente de todos. Seu ministério em Genebra deu ao mundo um dos mais belos exemplos do impacto da religião reformada em uma sociedade, de tal maneira que “falar de Calvino é falar de Genebra”.³ Devido à sua grande capacidade, o francês liderou o movimento reformado, e sua influência alcançou países de diferentes línguas e culturas (França, Holanda, Ilhas Britânicas e algumas regiões da Alemanha).

Os Reformadores Radicais. Na realidade, eles

² LÉONARD, Émile G. *Historia General del Protestantismo: I – La Reforma*. Madrid: Ediciones Península, 1967, p. 56.

³ McGRATH, Alister. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 99.

não constituíam um único movimento ou igreja. Havia diferentes comunidades em alguns pontos da Europa (Suíça, Alemanha, Áustria e Holanda). A designação de “anabatistas” lhes foi dada porque rebatizavam todos os adeptos, mesmo que tivessem sido batizados na infância. Para eles, o batismo só tinha validade quando as pessoas demonstravam consciência de sua conversão, ou seja, na fase adulta.

A *Confissão de Fé de Schleitheim* (1527) definiu os princípios anabatistas básicos: ideal de restauração da igreja primitiva; igrejas vistas como congregações voluntárias separadas do Estado; batismo de adultos por imersão; afastamento do mundo; fraternidade e igualdade; pacifismo; proibição do porte de armas, cargos públicos e juramentos. Os anabatistas foram os únicos protestantes do século 16 a defenderem a completa separação entre a igreja e o estado.⁴

Anglicanismo. Na Inglaterra, a Reforma se desenvolveu de forma peculiar. Implantada pela via política, por meio do rei Henrique VIII (1491-1547), que rompeu com o Papa (1534), durante 25 anos a situação religiosa do país foi tumultuada. Até 1534, o Catolicismo era a religião aceita; de 1534 a 1547, um tipo de Catolicismo desligado de Roma e sob o controle do rei inglês foi praticado; com o reinado de Eduardo VI (1547-1553), medidas foram adotadas e o Protestantismo foi instalado; durante os anos de Maria Tudor (1553-1558), a “sanguinária”, o Catolicismo foi restabelecido e os protestantes foram perseguidos, com centenas deles fugindo para a Europa continental; de 1558 em diante, sob o reinado de Elizabeth I, o Anglicanismo foi finalmente implantado, constituindo-se em um misto de Catolicismo e Protestantismo.

III. OS PRINCÍPIOS DA REFORMA

No transcurso do século 16, alguns princípios se consolidaram nas igrejas protestantes e, ao longo do tempo, têm sido defendidos por todos aqueles que se mantêm fiéis à herança da Reforma. Em 1996, membros da Aliança de Evangélicos Confessionais se reuniram e redigiram *A Declaração de Cambridge*.⁵

Sola Scriptura (Somente a Escritura): reafirmamos a Escritura inerrante (livre de erro) como fonte única de revelação divina escrita, única para constranger a consciência. Negamos que qualquer credo, concílio ou indivíduo possa constranger a consciência de um crente, que o Espírito Santo fale independentemente de, ou contrariando, o que está exposto na Bíblia, ou que a experiência pessoal possa ser veículo de revelação.

Solus Christus (Somente Cristo): reafirmamos que nossa salvação é realizada unicamente pela obra mediadora do Cristo histórico. Negamos que o evangelho esteja sendo pregado se a obra substitutiva de Cristo não estiver sendo declarada e a fé em Cristo e em sua obra não estiver sendo invocada.

Sola Gratia (Somente a Graça): reafirmamos que na salvação somos resgatados da ira de Deus unicamente pela sua graça. A obra sobrenatural do Espírito Santo é que nos leva a Cristo, livrando-nos de nossa servidão ao pecado e erguendo-nos da morte espiritual à vida.

Sola Fide (Somente a Fé): reafirmamos que a justificação ocorre somente por meio da

⁴ MATOS, Alderi de Souza. *Reforma Protestante* (<http://www.mackenzie.br/6962.html>). Acesso em 22.02.15.

⁵ O que segue é uma síntese da *Declaração de Cambridge*. O texto na íntegra pode ser lido em http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_cambridge.htm. Acesso em 23.02.15.

fé em Cristo. Negamos que a justificação se baseie em qualquer mérito que possa ser achado em nós, ou com base numa infusão da justiça de Cristo em nós; ou que uma instituição que reivindique ser igreja, mas negue ou condene *sola fide*, possa ser reconhecida como igreja legítima. Na justificação, a retidão de Cristo nos é imputada como o único meio possível de satisfazer a perfeita justiça de Deus.

Soli Deo Gloria (Glória somente a Deus): reafirmamos que, como a salvação é de Deus e realizada por ele, ela é para a glória dele e devemos glorificá-lo sempre. Devemos viver nossa vida inteira perante a face de Deus, sob a autoridade de Deus, e para sua glória somente.

O *sacerdócio universal dos crentes*. “...tal como diz o apóstolo Pedro em 1Pedro 2.9... Somos sacerdotes; isto é muito mais que ser reis, porque o sacerdócio nos torna dignos de aparecer diante de Deus e rogar pelos outros” (Lutero). Por esse princípio, por meio de Jesus, os crentes têm livre acesso a Deus, sem a necessidade de qualquer líder eclesiástico.

CONCLUSÃO

A importância da Reforma deve ser reconhecida por nós, mas não devemos incorrer

no erro de glorificar seus protagonistas, apresentando-os como heróis e omitindo suas imperfeições e falhas, julgando a atuação deles inalcançável ou como algo impossível de ser realizado em nossos dias. Em outras palavras, mais do que celebrar uma data, a Reforma deve nos servir de inspiração para que respondamos aos desafios e problemas do nosso tempo, como fizeram Lutero e Calvino em seu tempo.

O ministério de George Butler, no interior de Pernambuco (entre os séculos 19 e 20), e a atuação de Matatias Gomes dos Santos, na Zona da Mata Mineira (início do século 20), são bons exemplos de crentes que arregaçaram as mangas e demonstraram o poder do evangelho no meio social onde a igreja estava inserida.⁶ Assim como os nossos antepassados, devemos atuar em nossa geração, sem, contudo, abandonar os fundamentos da nossa fé.

APLICAÇÃO

Pense em ministérios ou projetos que possam ser implantados no bairro ou na vizinhança da igreja. Cursos de alfabetização, oficinas de artesanato e costura, palestras sobre drogas, aborto e desemprego, programas de ação social, aulas de música, campeonato de futebol, etc. Essas são algumas iniciativas que criam oportunidades de evangelização e que também oferecem algo prático à vida das pessoas.

⁶ Para ler sobre o ministério de ambos, veja: FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* (Vol. I). São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.



QUE É CALVINISMO?



Atos 20.17-35

LEITURA DIÁRIA

- D Sl 119.1-8 – Desvenda os meus olhos
- S Jo 17.1-5 – Conhecimento e vida eterna
- T Rm 11.33–12.2 – Culto ao Senhor
- Q Sl 8.1-9 – Que é o homem?
- Q 2Co 8.1-15 – A graça de socorrer
- S Ef 3.1-21 – Ministro por graça
- S Cl 3.12–4.1 – Sirvamos em tudo ao Senhor

INTRODUÇÃO

A Teologia Calvinista pode ser honesta e conscienciosamente resumida como a “Teologia dos Cinco Pontos”?¹ Bem, esses pontos são fundamentais para a correta ênfase da Soberania de Deus e sua aplicação na salvação de seu povo. Contudo, esses marcos são apenas o princípio, não todo o Calvinismo. Portanto, nem cinco, nem cinquenta!

Em Mileto, Paulo, quando se despede dos presbíteros de Éfeso, diz que durante o seu ministério de três anos entre eles, jamais deixou de “anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27). O evangelho não consiste no anúncio de “algumas partes” da Bíblia, mas sim de todo o “Conselho” de Deus revelado nas Escrituras (Gl 1.8-9,11). O conteúdo da mensagem cristã deve ser nada mais, nada menos do que toda a vontade revelada de Deus (Dt 29.29).

I. O NOME CALVINISMO

O nome Calvinismo é uma alusão aos ensinamentos do teólogo francês João Calvino (1509-1564). Contudo, tem sido usada a expressão *Teologia Reformada* como sinônimo, o que de fato

é um nome mais amplo, visto que não se associa simplesmente aos ensinamentos de Calvino, ainda que façam parte do mesmo espírito.

Devemos recordar que a expressão *Calvinismo* surgiu no contexto de Heidelberg, sendo introduzida em 1552 pelo polemista luterano Joaquim Westphal (1510-1574), pastor em Hamburgo, para referir-se em especial aos conceitos teológicos de Calvino. Na realidade, Calvino deplorou o uso do termo (1563), que ele considerou ser empregado cruelmente por esses “zelotes frenéticos”.

II. ALGUMAS ÊNFASES

A. O Espírito, a Escritura e o limite de nosso conhecimento

Calvino cria na autoridade absoluta e suficiente da Escritura. Ele não sentia necessidade de explicar todas as partes das Escrituras, sentia-se sim, no dever pastoral de ensinar tudo o que as Escrituras ensinavam. A aceitação do paradoxo ou antinomia faz parte da própria limitação nossa diante da Revelação de Deus. A Escritura é suficientemente clara, mas não absolutamente clara em todas as coisas, daí a nossa incompreensão diante do mistério.

A Palavra de Deus, no entanto, oferece-nos o escopo de nosso pensar e agir. Por meio dela poderemos ter uma real visão de Deus, de nós mesmos e do mundo.

Calvino entende que a especulação indevida é um mal. Devemos observar também que mal semelhante é negligenciar o estudo daquilo que Deus nos revelou em sua Palavra. O limite de nosso conhecimento está delimitado pela Palavra. O Espírito nos ensina por meio de sua

¹ Os assim chamados “cinco pontos do Calvinismo”, são: *Depravação Total, Eleição Incondicional, Expição Limitada, Graça Irresistível e Perseverança final dos Santos*.

escola, que é a Palavra. Daí a necessidade de nosso estudo sério e súplica por discernimento (Sl 119.18).

B. *Conhecimento, culto e santificação*

A doutrina não é apenas para o nosso deleite espiritual e reflexivo, antes, exige de forma imperativa um compromisso de vida e obediência. O conhecimento de Deus e da sua Palavra não visa satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa mas, conduzir-nos a ele em adoração e louvor. O conhecimento de Deus está associado à verdadeira piedade que consiste em uma relação correta com Deus e com o nosso próximo.

Um princípio básico para Calvino é que se desejamos conhecer a vontade de Deus e resistir às ameaças de Satanás, devemos nos debruçar sobre a Escritura para lê-la sistemática e reverentemente.

O conhecimento verdadeiro do verdadeiro Deus tem também um sentido profilático; inibe o pecado e também traz, como implicação necessária, a piedade e a santificação. Contudo, o nosso conhecimento não é algo acabado; antes, por meio da graça, devemos procurar crescer neste conhecimento. Não podemos desprezar as oportunidades que Deus nos concede de conhecer a sua Palavra, sem nos tornar culpáveis de tal omissão.

C. *Culto agradável a Deus*

A visão de Calvino é bastante clara a respeito do culto agradável a Deus. Aliás, ele entende que “o princípio de uma vida boa e justa está em conhecer o que é agradável a Deus”. O culto não deve ser avaliado apenas pela nossa visão, antes devemos submeter o nosso gosto aos mandamentos de Deus.

Deste modo, a pompa artificial de uma cerimônia religiosa serve apenas para nos enganar. Deus não se fascina com nada disso; o que ele deseja de nós é obediência aos seus preceitos, inclusive na forma de adorá-lo. O culto cristão é oferecido por santos em santificação. Fomos separados por Deus para prestar-lhe culto e por meio do culto a nossa santidade se aperfeiçoa. No culto somos aperfeiçoados, sendo transfor-

mados cada vez mais na imagem de Cristo, que é o nosso modelo e meta (Rm 8.29-30).

Faz-se necessário que estejamos vigilantes para que não caminemos em direção oposta à satisfação de Deus, ao seu agrado. A beleza é uma questão de harmonia e proporções. A origem do senso de beleza está em Deus. Ainda que possamos elaborar um livro, uma peça, um quadro ou música de qualidade duvidosa com o objetivo de distrair, comover ou entreter, não podemos simplesmente apresentar isso a Deus como expressão de culto, visto que é Deus mesmo quem estabelece o modo como deve ser adorado.

A *Confissão de Fé de Westminster* (1647) capta bem isso ao dizer que “o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras” (XXI.1).

D. *O homem: sua grandeza e miséria*

A Reforma surgiu em um contexto Humanista e Renascentista. Calvino teve uma formação humanista primorosa. Contudo, o seu humanismo não deve ser confundido com o “humanismo secular”, que colocava o homem como centro de todas as coisas. Ele rejeitava este tipo de “humanismo”. Ele compartilha da visão da grandeza do homem; no entanto, o seu ponto de partida é Deus.

Em síntese, podemos dizer que o “humanismo” de Calvino era um “humanismo cristocêntrico”, caracterizando-se pela compreensão de que o homem encontra a sua verdadeira essência no conhecimento de Deus. Conhecer a Deus significa ter uma perspectiva clara de si mesmo; a recíproca também é verdadeira: não há conhecimento genuíno de Deus sem um conhecimento correto de si mesmo.

A compreensão antropológica de Calvino é resultado de sua teologia; Calvino é um teólogo que, com profundo conhecimento bíblico, esforça-se por aplicar os ensinamentos da Palavra

às diversas esferas da vida humana, a começar pela genuína compreensão de quem é o homem e como Deus deseja que vivamos neste mundo.

Quanto ao homem, a dignidade e beleza estão em ter sido criados “à imagem e semelhança de Deus”, podendo, portanto, relacionar-se com o seu Criador. O homem deve ser respeitado, amado e ajudado porque é a imagem de Deus. Esta perspectiva deverá nortear sempre a nossa consideração a respeito do ser humano. Ainda que o pecado tenha manchado e desfigurado esta imagem, estando o homem morto espiritualmente (Rm 6.23; Ef 2.1,5), ainda continua sendo a imagem de Deus.

E. O comportamento cristão na riqueza e na pobreza

A Bíblia nos ensina que todas as coisas nos são dadas pela benignidade de Deus e são destinadas ao nosso bem e proveito. Deste modo, tudo que temos constitui-se em um depósito do que um dia teremos de dar conta. Deus concede-nos bens para que o gerenciemos; ele continua sendo o Senhor de tudo.

Interpretando Hebreus 13.16, Calvino entende que os benefícios que prestamos aos homens se constituem parcialmente em culto a Deus, sendo isto uma grande honra que Deus nos concede. Não amar ao nosso próximo constitui-se numa ofensa a Deus e às pessoas. Por outro lado, o nosso auxílio recíproco revela a unidade do Espírito em nós.

Da *Oração do Senhor*, ele extrai o princípio de que devemos nos preocupar com todos os necessitados. Contudo, sabendo da impossibilidade de conhecermos a todos e de termos recursos para ajudar a todos os que conhecemos, diz que a ajuda não exclui a oração nem esta àquela. Portanto devemos orar por todos.

F. Ministério pastoral: privilégio e responsabilidade

A vocação para a pregação da Palavra está relacionada diretamente ao governo de Deus sobre a igreja. Ele o faz por meio da Palavra. Nem a teologia nem qualquer outra coisa pode substituir a Palavra.

Deus se vale dos pastores para preservar a igreja. Ele os usa para instruí-la e governá-la,

defendendo-a “pela espada da Palavra”. No entanto, lamentavelmente nem todos são fiéis à sua vocação, esquecendo-se de sua responsabilidade de pregar a Palavra com integridade. Deste modo, não basta a consciência da vocação, é necessário que desempenhemos o nosso ofício com integridade. Quando ensinamos a Palavra com fidelidade, nada acrescentando ou omitindo, podemos ter a certeza de que a nossa mensagem não se distingue da própria Palavra de Deus.

Mesmo a igreja tendo a oportunidade de ler as Escrituras individualmente, aos pastores compete a tarefa de ensinar a Palavra com sistematicidade, simplicidade e profundidade, adequando o ensino ao nível de seu público.

A esfera da autoridade do ministro é derivada da Palavra. Todo o ofício do ministro gira em torno da Palavra. Os ministros foram chamados por Deus não para pregarem suas opiniões, mas o evangelho de Cristo que deve ser anunciado em sua inteireza, sem misturas, adições e cortes: isso nos distingue essencialmente dos falsos mestres.

Deve ser dito que grande parte da influência de Calvino é resultante de seus sermões inteiramente comprometidos com a fidelidade na exposição da Palavra.

G. A oração, obediência e glória de Deus

A glória de Deus é maior do que todas as coisas reunidas. Fomos criados para conhecer a Deus e, conhecendo-o, busquemos glorificá-lo. Em nossas orações devemos ter o desejo ardente de que o nome de Deus seja glorificado.

Portanto, nossas orações devem ter como alvo principal a glória de Deus. Nossas necessidades são satisfeitas a partir da glorificação do Senhor. A igreja invoca o nome de Deus buscando a sua glória. É um grande consolo para os crentes saber que, quando invocam o nome de Deus, estão já neste ato sendo obedientes a ele, visto que Deus mesmo nos ordena a orar. Por intermédio de nossa obediência à Palavra, além de evidenciarmos a nossa fé, Deus é glorificado. Ele tem prazer em que o obedeçam. Nossa piedade se materializa em nossa obediência a Deus. A obediência do Filho constitui-se no modelo de todos aqueles que desejam glorificar

ao Pai (Jo 17.4). Devemos, portanto, em todas as coisas, buscar a glória de Deus. A oração sincera é o exercício de fé na providência de Deus, sabendo que o nosso Pai glorioso não permitirá que nada nos falte.

III. A ACADEMIA DE GENEBRA: MISSÃO COMO VOCAÇÃO

Calvino dispunha de uma visão ampla da cultura, entendendo que Deus é Senhor de todas as coisas; por isso, toda verdade é verdade de Deus. Essa perspectiva se amparava no conceito da “Graça Comum”, que consiste na compreensão de que o Espírito Santo exerce influência comum abençoadora sobre os homens em geral (Mt 5.45; Lc 6.35; At 14.15-17). Ele compreendia que toda verdade procede de Deus. Portanto, aonde quer que ela surgisse, provinha de Deus, visto que ele é o Senhor da verdade.

Calvino, que estudara em algumas das melhores universidades da França, era bastante afeito à vida acadêmica. Antes de ser um teólogo, ele fora um humanista. A sua filosofia de ensino reflete a sua apurada formação e maturidade intelectual dentro de um referencial que partia das Escrituras, tendo a soberania divina como princípio orientador e a glória de Deus como fim de todas as coisas, inclusive de nosso saber.

Em 1559 criou, com poucos recursos, uma Academia em Genebra, tendo o culto inaugural em 05/06/1559, no templo de Saint-Pierre. No entanto, esforçou-se por constituir um corpo docente competente.

A base da formação educacional em Genebra era a Bíblia. A Academia iniciou com 600 alunos, aumentando já no primeiro ano para 900 –, a quem coube a educação dos protestantes da língua francesa, atingindo, em sua maioria, alunos estrangeiros vindos da França, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Itália e de outras cidades da Suíça.

Além disso, Genebra se tornou um grande centro missionário, uma verdadeira “escola de missões”, porque os foragidos que lá se instalaram, puderam, posteriormente, levar para os seus países e cidades o evangelho ali aprendido.

A Academia tornou-se grandemente respeitada em toda a Europa. A formação dada em Genebra era intelectual e espiritual. Sem dúvida, entre os reformadores, Calvino foi quem mais amplamente compreendeu a abrangência das implicações do Evangelho, nas diversas facetas da vida humana. Por isso, ele exerceu poderosa influência sobre a Europa e Estados Unidos.

CONCLUSÃO

O cristianismo não é uma forma de acomodação na cultura, mas de formação e de transformação por meio de uma mudança de perspectiva da realidade, que redundará necessariamente em uma mudança nos cânones de comportamento, alterando sensivelmente as suas agendas e praxes. Assim sendo, a nossa fé tem compromissos existenciais inevitáveis. Ser calvinista não é apenas um *status* nominal vazio de sentido, antes reflete a nossa fé em atos de formação e transformação.

O Calvinismo nos fornece óculos cujas lentes têm o senso da soberania de Deus como perspectiva indispensável e necessária para ver, interpretar e atuar na realidade, fortalecendo, modificando ou transformando-a, conforme a necessidade. Isso tudo, em um esforço constante de atender ao chamado de Deus a viver dignamente o evangelho no mundo.

APLICAÇÃO

Considerando o que foi estudado nesta lição, você pode afirmar que é um calvinista, ou um adepto da Teologia Reformada? Por quê? Quais características do Calvinismo são mais importante para você?

BOA LEITURA!

Amplie seu conhecimento sobre o tema da aula de hoje lendo: *O Calvinismo na prática*, organizado por Peter Lillback; *O futuro do Calvinismo*, Leandro Antonio de Lima; *Calvinismo*, Abraham Kuyper. Todos, publicados pela Editora Cultura Cristã.

QUE É TEOLOGIA REFORMADA?

3

Judas 3-4

LEITURA DIÁRIA

- D Rm 11.33-36 – Deus soberano
- S 2Pe 1.6-21 – Autoridade e suficiência das Escrituras
- T Rm 6.15-23 – Pecado e morte
- Q Rm 11.1-10 – Somente pela graça
- Q Ef 2.1-10 – Pela graça mediante a fé
- S Ef 1.3-14 – Escolhidos para adoção
- S Fp 1.3-11 – Nenhum filho será deixado para trás

INTRODUÇÃO

Todo o nosso pensar e produzir tem um caráter dialogal. Por isso, toda a nossa produção é social, ainda que não saibamos mensurá-la precisamente até que ponto.

Com a teologia não é e nem poderia ser diferente. A teologia ocorre dentro de um *locus* próprio no qual estamos inseridos e, de onde concluímos que somos mais filhos de nossa época do que estaríamos dispostos a admitir.

Elencando alguns pontos, podemos dizer que o nosso labor recebe influência mais ou menos determinante destes elementos:

1. Nossos pressupostos. Estes se constituem em lentes por meio das quais percebemos a realidade.
2. O pensamento que explicitamente queremos combater, amenizar ou mesmo enfatizar.
3. O clima de opinião prevalecente, o qual, de forma direta ou indireta, nos oferece diretrizes quase nunca percebidas em nossa empreitada.
4. O objetivo que explicitamente propomos para o nosso trabalho: quem é o nosso público alvo?; o que esperamos alcançar com a leitura de nosso trabalho?; etc. De modo ilustrativo, podemos recordar que João Calvino (1509-1564) escreveu as diversas edições das *Insti-*

tutas em latim e em seguida traduzia para o francês (1536-1561). Com ambos os idiomas e com as respectivas ampliações de seu trabalho, ele *tinha propósitos* definidos: “Preparar e instruir de tal modo os candidatos à sagrada teologia, para a leitura da divina Palavra, que não só lhe tenham fácil acesso, mas ainda possam nesta escalada avançar sem tropeços”.

Na tradução francesa de 1541, no prefácio, diz que a sua obra poderia servir como “uma chave e uma abertura para dar acesso a todos os filhos de Deus para entenderem bem, e diretamente, a Escritura Sagrada”. No parágrafo anterior justificara: “Redigi-a primeiramente em latim, para que pudesse servir a todos os estudiosos, de qualquer país que fossem, então, ao depois, almejando comunicar o que daí poderia advir de proveito à nossa gente francesa, traduzi-a também para nossa língua.”

I. CONCEITUANDO TEOLOGIA

A Reforma, como sabemos, reafirma valores, esmera-se por recuperar ensinamentos esquecidos, negados, corrompidos ou empobrecidos, retornando à exegese bíblica a fim de compreender de forma mais clara possível os ensinamentos bíblicos, sistematizando-os especialmente em suas confissões e catecismos. Obviamente, num primeiro momento, a teologia romana seria o grande *outro* dos teólogos protestantes. Por isso a menção constante ao que era considerado erro, omissão, exagero e deturpação.

Todavia, toda obra é mais do que um diálogo, é a tentativa de estruturação da realidade percebida. Quando lidamos com teologia temos uma agravante. Estamos lidando com a Escritura Sagrada, o que consideramos ser o registro infalível da Palavra de Deus. Por outro lado, temos um grande e fundamental conforto: cremos na

iluminação do Espírito, que nos conduz à Palavra e nos permite compreendê-la adequadamente.

Podemos definir operacionalmente a teologia como o estudo sistemático da Revelação Especial de Deus conforme registrada na Escritura Sagrada, tendo como fim último o glorificar a Deus por intermédio do seu conhecimento e obediência a sua Palavra.

A teologia, portanto, nada tem a dizer além das Escrituras. Ela não a substitui nem a completa, antes, deve ser a sua serva. A teologia brota dentro da intimidade da fé daqueles que cultuam a Deus e se comprometem com a edificação da igreja.

Quando falamos de Teologia Reformada, estamos nos referindo à Teologia proveniente da Reforma (Calvinista), em distinção à Teologia Luterana. O designativo *Reformada* é preferível ao *Calvinista* – ainda que a empreguemos indistintamente – considerando o fato de que a Teologia Reformada não é estritamente proveniente de João Calvino.

II. ALGUMAS ÊNFASES TEOLÓGICAS CARACTERÍSTICAS DA REFORMA DO SÉCULO 16

A. A autoridade e a suficiência das Escrituras

Na Reforma se deu uma mudança de quadro de referência. O “eixo hermenêutico” desloca-se da tradição da igreja para a suficiência da Escritura.

A Escritura antecede a igreja. Portanto, como decorrência lógica, não é a igreja que autentica a Palavra por sua interpretação, como a igreja romana sustentou em diversas ocasiões. É a Bíblia que se autentica a si mesma como Palavra com autoridade de Deus (2Tm 3.16-17; 2Pe 1.20-21) e, é ele mesmo quem nos ilumina para que possamos interpretá-la corretamente (Sl 119.18). Por isso, o Espírito não pode ser separado da Palavra. Somente pela operação divina poderemos reconhecer a sua origem divina, bem como compreendê-la salvadoramente. A Escritura é suficiente para nos dar um conhecimento de toda a vontade revelada de Deus, conduzindo-nos a Cristo (Jo 5.39).

B. A universalidade do pecado

O pecado é o grande nivelador de toda a humanidade: todos pecaram; todos estão no

mesmo nível; não há lugar para arrogância ou supostas boas obras justificadoras (Rm 3.19-20).

A Escritura nos fala que todos pecaram (Rm 3.23) e que o pecado nos fez cativos (Jo 8.34; Rm 6.20; 7.23), habitando em nós (Rm 7.17,20), mantendo-nos sob o seu domínio. Portanto, negar a nossa condição de pecadores, é negar a própria Palavra de Deus (1Jo 1.10).

O pecado gerou a separação entre o homem e o Deus Santo, Justo, Puro e Sublime (Is 59.2). O homem se encontra em estado de rebelião contra Deus (Is 65.2).

C. A liberdade e a suficiência da graça de Deus em Cristo

Graça pode ser definida como um favor imerecido, manifestado livre e continuamente por Deus aos pecadores que se encontravam em um estado de depravação e miséria espirituais, merecendo o justo castigo pelos seus pecados (Rm 4.4; Rm 11.6; Ef 2.8-9).

A nossa salvação é decorrente do Pacto da Graça, por meio do qual Deus confiou o seu povo ao seu Filho para que este viesse a entregar a sua vida por ele. Cristo deu a sua vida em favor de todos aqueles que o Pai confiara a ele na eternidade (Is 42.6; 2Tm 1.9; Jo 6.39; 17.1,6-26). Assim, todos os homens – judeus e gentios –, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, foram salvos pela graça (At 15.11).

Mérito e graça são conceitos que se excluem (Rm 11.6). De fato, a graça tem sempre como pressuposto a indignidade daquele que a recebe. A ideia de merecimento está totalmente excluída da salvação por graça (Ef 2.8-9; 2Tm 1.9). Não há mérito humano na fé.

A Palavra de Deus nos ensina que a nossa salvação é por Deus, porque é ele quem faz tudo; por isso, o homem não pode criar a graça, antes, ela é outorgada a ele, devendo ser recebida sem torná-la vã em sua vida (2Co 6.1; 8.1; 1Co 15.10).

A graça de Deus abre o nosso coração, fazendo-nos ver a necessidade da salvação, passando a desejá-la ardentemente desde então; a graça de Deus promove a paz em nosso coração por intermédio da nossa reconciliação com Deus (Rm 5.1; 2Co 5.18-21; Rm 1.7; 1Co 1.3; 2Co 1.2).

III. ELEMENTOS DA “ORDEM DA SALVAÇÃO”

O Novo Testamento ensina claramente que a nossa salvação é resultado da graça de Deus; além desta declaração abrangente, podemos encontrar ainda nas páginas do Novo Testamento a relação de vários elementos da “ordem da salvação”:

A) *Eleição*

A nossa eleição caracteriza o reino da graça de Deus como antecedendo a história (Rm 11.5-6; Gl 1.15; 2Tm 1.9).

A eleição não é condicionada ou dependente de “boas obras” nossas, nem de fé, ou mesmo de previsão de fé e sim do beneplácito de Deus (At 13.48; Rm 9.11,16,23; 11.4-7; Ef 1.7,12; 2Tm 1.9; 1Pe 1.2).

Notemos que, se a fé e as obras são resultado da eleição, obviamente, elas não podem ser a condição de nossa salvação (At 15.11; 1Co 4.7; Ef 2.8-10). Por outro lado, se Deus nos escolheu para sermos santos (Ef 1.4; 2Ts 2.13), é porque de fato não éramos; logo, não foi devido às nossas obras que Deus nos escolheu. A declaração de Paulo elimina qualquer centelha de orgulho por parte do suposto eleito (veja 1Co 1.26-31).

B) *Arrependimento*

O arrependimento envolve nossa mente, nosso sentimento e nossa vontade. Ele consiste em uma mudança de mente, ocasionando um sentimento de tristeza pelos nossos pecados, que se caracteriza de forma concreta no seu abandono, refletindo isso na adoção de novos valores, ideias, objetivos e práticas. O arrependimento, insisto, não é apenas uma questão intelectual, antes envolve uma revisão, reorganização e re-direcionamento de sua vida. O arrependimento distingue-se, assim, do remorso, que é apenas uma tristeza por um ato pecaminoso, em geral, percebido por causa das consequências, ainda que parciais, do seu pecado (Jr 3.7). Essa tristeza (remorso) pelo pecado faz parte do arrependimento, contudo, ela sozinha é insuficiente.

O arrependimento sincero é uma “concessão” de Deus (Rm 2.4; 2Co 7.10; Hb 12.17; 2Tm

2.25). Consiste em se voltar total e integralmente para Deus.

C) *Adoção*

Fomos adotados pela graça de Deus, tornando-nos seus filhos (Ef 1.5-6; Gl 4.4-6). A paternidade divina é entendida como um ato de intenso amor para com os homens que se encontravam num estado de rebelião, total depravação e miséria (Jo 3.16). O pecado nos tornou – já que todos pecamos – inimigos de Deus, contrários aos seus mandamentos e propósitos.

A nossa filiação revela parte do amor inefável e eterno de Deus. Ao considerarmos a graça da adoção, vemos nesta doutrina estampado o amor invencível de Deus, que nos tira da condenação do pecado para a sua herança eterna (1Jo 3.1).

Os homens são filhos de Deus não simplesmente por nascimento natural, mas, sim, por um novo nascimento concedido por Deus, tornando-se, assim, seus filhos adotivos. A nossa filiação, olhando pelo ângulo que for, é um ato da livre graça de Deus (Jo 3.3,5; Rm 8.15; Gl 4.3-6). Todas as demais bênçãos que recebemos, decorrem da adoção (Gl 4.4-5).

A Palavra também nos diz que esse ato histórico se amparou no decreto eterno, livre, soberano e bondoso de Deus (Ef 1.5).

D) *Justificação*

De acordo com as Escrituras, somos justificados por Cristo por meio da fé ou estamos definitivamente condenados. Não há meio-termo, não há síntese entre nossas supostas obras e a fé em Cristo. Não há meia-justiça; ou é tudo ou é nada. Essa justificação é totalmente pela graça, mediante a fé; ou seja: por Cristo Jesus.

Jesus é o único que cumpriu perfeitamente a justiça divina. Portanto, somente nele podemos, e de fato somos, declarados justos. A graça nos justifica na justiça de Cristo. Deste modo, não é a fé que nos justifica, antes, é Deus quem nos justifica em Cristo nos comunicando essa bênção pela fé. A fé em Cristo é o esvaziamento de toda confiança em nossa capacidade e merecimento. A eficácia da fé não está em sua suposta perfeição – aliás, nossa fé sempre é limitada e imperfeita –,

mas, no seu repouso humilde e total na justiça perfeita de Cristo.

Não existe justificação sem a pessoa e obra de Cristo (Rm 3.24; Tt 3.7). A justificação é o fundamento judicial da santificação; aqui há uma mudança na nossa condição legal: Deus declara que já não há mais culpa em nós; aqui de fato passamos a ter vida; mudamos da situação de um condenado que aguardava tristemente a terrível sentença condenatória para a condição de filhos de Deus, na expectativa da sua majestosa herança (Rm 8.14-18).

A justificação – que ocorre fora de nós – não produz nenhuma transformação espiritual em nosso ser. Contudo, significa que Deus já a fez pela regeneração e continuará fazendo pela santificação. O preço de nossa justificação, para nós gratuita, foi o sangue de Cristo Jesus.

E) A capacidade para crer

Deus é quem abre o nosso coração e mente para que possamos entender salvadoramente a mensagem do Evangelho. Após a ressurreição de Cristo, os discípulos ainda não entendiam adequadamente as Escrituras em relação ao Messias, Jesus Cristo. Com dois deles, no caminho de Emaús, o Senhor abriu seus olhos para que a compreendessem e cressem por meio da exposição das Escrituras. Foi essa a percepção deles. (Lc 24.30-32; Lc 24.45). De passagem, podemos observar que o caminho para atingir a mente e o coração das pessoas é a exposição da Palavra. O Espírito que opera por meio dela não força as evidências, nem nos obriga a diminuir a nossa capacidade de pensar, antes, nos faz enxergar e crer nas evidências que estão ali, diante de nós, tão eloquentemente (At 3.16; 16.14; 17.3; 18.27; Rm 4.16; 1Co 3.5; Fp 1.29).

Deus não nos elegera na eternidade porque um dia teríamos fé; mas sim, para que tivéssemos fé: sem a graça de Deus não haveria fé. A fé é essencial à salvação, como uma evidência da nossa eleição: só os que creem serão salvos; só creem os eleitos (1Ts 1.3-4; 2Ts 2.13; Tt 1.1). A fé não tem méritos salvadores; ela é apenas o instrumento gracioso de Deus para a apropriação da salvação preparada pelo Trino Deus para o seu povo escolhido (Lc 8.12; At 16.31; 1Co 1.21; Ef 2.8; 2Ts 2.13).

F) A perseverança

Aquele que começou a boa obra a nosso favor (elegendo, justificando, concedendo-nos fé, adotando, etc.), nos confirmará, pela sua graça, até o fim (Fp 1.6; Jo 10.28; 1Pe 1.5). Ninguém será deixado no meio do caminho.

G) A salvação eterna

A salvação é uma obra exclusiva de Deus (At 15.11; Rm 6.23; Ef 2.5,8; 2Tm 1.9; Tt 2.11).

A nossa salvação é decorrente primeiramente da vontade soberana de Deus (Mt 19.23-30; Hb 7.25; Tg 4.12). Deus age por meio da sua poderosa Palavra (Rm 1.16; 9.16-18; 10.17; 1Co 1.18), conduzindo-nos a Cristo (Jo 6.44,65), levando-nos a confessá-lo como nosso Senhor (1Co 12.3). Deus mesmo concede-nos a certeza de que fomos salvos pelo poder da sua graça (Jo 10.27-29), confirmando (Rm 16.25-27), selando (Ef 1.13; 4.30), edificando (At 20.32), santificando (2Ts 2.13) e preservando-nos (Jd 24,25) até a conclusão do seu propósito em nós: a salvação eterna para a glória de Deus (Fp 1.6; 2Ts 1.11-12; 1Pe 1.3,5; 2Pe 1.3).

Nós seremos o troféu de Cristo por toda a eternidade; somos o resultado de sua obra salvadora; por isso, quando ele vier, será glorificado em nós (Ef 1.5-6; 2.7; Jo 17.10; 2Ts 1.10-12).

CONCLUSÃO

A Teologia Reformada não busca ênfases isoladas ou exóticas nas Escrituras, antes tem como fundamento todo o desígnio de Deus conforme revelado nas Escrituras. Este conjunto de ensinamentos apresentado, que não esgota a Teologia Reformada, e menos ainda as Escrituras, constitui-se em um norte seguro que pode nos conduzir em todos os momentos de nossa vida. A teologia bíblica deve ser sempre a estrutura e fundamento de nossa fé.

APLICAÇÃO

Você seria capaz de definir quais seriam os pontos essenciais da Teologia Reformada? Que diferença ela faz na sua compreensão de Deus e das Escrituras?